

## ENQUANTO OS DENTES, DE CARLOS EDUARDO PEREIRA: A EXPERIÊNCIA DA INVISIBILIDADE SOCIAL

JESSÉ CARVALHO LEBKUCHEN<sup>1</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jesse\\_carvalho@live.com](mailto:jesse_carvalho@live.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alfeu.sparemberger@outlook.com](mailto:alfeu.sparemberger@outlook.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Pensando que as representações do gay como personagens centrais da literatura brasileira, bem como latino-americanas, são historicamente recentes e numericamente escassas e compreendendo que a construção dessas personagens nas narrativas produzidas na metade final do século XX e na primeira década do século XXI possuem diversas similaridades, tanto nos aspectos físicos quanto nos psicológicos, visa-se refletir nesta pesquisa como a literatura produzida nos anos recentes tem lidado com a multiplicidade identitária da homossexualidade, propondo a análise da obra *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira. Dessa forma, este trabalho investiga como a narrativa registra uma espécie de experiência da invisibilidade social de indivíduos “especiais” no contexto brasileiro.

Segundo Dalcastagnè (2012), a literatura brasileira contemporânea segue os mesmos padrões desenvolvidos durante os séculos anteriores, sendo produzida em espaços e com objetivos similares. Considerando seu estudo quantitativo das produções realizadas nas principais editoras do mercado brasileiro nos últimos anos do século XX e na primeira década do século XXI, a amostra literária é predominantemente produzida por homens, heterossexuais, brancos e provenientes de classes sociais superiores, bem como suas personagens. Logo, quaisquer escritas realizadas de outros locais e por outras vozes são vistas como desconfortantes e, ao mesmo tempo, excluídas dos debates críticos e acadêmicos. A autora sugere, portanto, que questionemos os valores que transformam um texto em literário ou não, ou seja, os fundamentos teóricos que servem como ferramenta de censura ou de invisibilidade.

Resende (2008) reflete que ao mesmo tempo em que a globalização e o maior acesso às tecnologias servem para um aumento da multiplicidade na escrita literária, produzida com qualidade em espaços e por pessoas que antes não tinham oportunidade e que são ignorados pela legitimação da academia, também acabam criando novos dominantes culturais homogêneos, que apontam conflitos com uma possível pluralidade. Para a autora, essa situação não é extrema, pois abre possibilidades de mesclar as duas vertentes, em uma visão cultural híbrida. Dessa forma, as fronteiras são locais importantes, pois “[e]ntre centro e margens aparecem olhares oblíquos, transversos, deslocados que terminam por enxergar melhor” (RESENDE, 2008, p. 20), possibilitando o uso de recursos que trazem perspectivas múltiplas em discursos contra-hegemônicos.

Algumas linhas teóricas pós-estruturalistas questionam e buscam desestruturar as práticas culturais tomadas como naturais, mostrando os processos pelos quais são construídas socialmente. Um dos campos que debatem as questões de gênero e sexualidade é a teoria *queer*, com a intenção de discutir e problematizar o que é dado e imposto como norma, mas sem buscar instituir uma nova, já que “o *queer* não está preocupado com definição, fixidez e

estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação” (SALIH, 2015, p. 19). Butler (2015) reflete sobre as categorias de gênero e sexo como construções sociais. Ao tratar o sexo, ou o corpo biológico, e o gênero como construtos discursivos, abre-se espaço para questionar como ambos são presos e fixados na cultura, ou seja, como podem ou não serem performados. Igualmente aos outros aspectos da identidade, o gênero possui fronteiras extremamente estabelecidas socialmente por meio de discursos de poder que se baseiam em estruturas binárias apresentadas como racionalismo universal. Dessa maneira, práticas reguladoras produzem identidades próximas ao centro, à matriz, fazendo com que os “desvios” de gênero ou sexualidade pareçam ser “[...] meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2015, p. 44).

Louro (2018), ao abordar o *queer*, considera as fronteiras como elementos importantes na formação identitária. Para a autora, elas servem como espaços de relações sociais, possibilitando encontros, cruzamentos e conflitos. Ao mesmo tempo que separam sujeitos e grupos identitários opostos, unem os múltiplos sujeitos “diferentes” que não se encaixam num lugar ou em outro; formam-se assim novos grupos, geralmente transgressivos e subversivos, que enfrentam ao policiamento constantemente, “não apenas e tão somente através da luta ou do conflito cruento, mas também sob a forma da crítica, do contraste, da paródia” (LOURO, 2004, p. 20).

De acordo com Trevisan (2018), ser homossexual e/ou brasileiro vai além de identificar-se, pois leva em consideração um conjunto de significações que são realizadas a partir dessa identificação, quase sempre guiada por um exotismo ou desconhecimento. O sistema social atua de forma distinta em cada época, sendo por vezes mais flexível e, por outras, autoritário e restritivo, mas sempre com interesses maiores, que estão distantes ou até mesmo contrários à busca por uma suposta igualdade. Sendo assim, a forma de existir de cada sujeito também varia, pois em uma época existirá maior repressão e, logo, existirão mais atitudes subversivas, já em outras épocas de maior permissividade há uma tendência de entender que as melhorias existentes são aceitáveis para o momento. Isso mostra que é impossível e até mesmo indesejável criar um padrão de sexualidade para encaixar todos os sujeitos de todas as épocas e representá-los, como se insiste em buscar, mostrando que pessoas diferentes têm vivências e identidades únicas e distintas, pois a criação de sentidos conclusivos sobre a homossexualidade “acabaria servindo mais aos objetivos da normatização do que a uma real liberação da sexualidade, inclusive por incentivar diretamente a política do gueto, do separatismo e do racismo sexual, numa discriminação às avessas” (TREVISAN, 2018, p. 35).

## 2. METODOLOGIA

O trabalho, de caráter qualitativo, realiza-se a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando, para as discussões a respeito de gênero e sexualidade, a teoria *queer* e pressupostos dos estudos culturais e feministas. Busca, deste modo, estabelecer relações, tanto de aproximação quanto de distanciamento, entre elas. Além disso, para o debate de representações literárias e a análise do objeto, este estudo se utiliza de investigações na área da literatura brasileira contemporânea.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, narra, em terceira pessoa, a trajetória de Antônio à casa de seus pais, em uma volta forçada, por não ter mais condições financeiras de manter-se após um acidente que, ao antecipar uma doença, faz dele um cadeirante. A narrativa traz, em vários momentos, pequenos *flashbacks* que mostram diferentes momentos da vida de Antônio, relacionados a pontos de conexão, que unem suas experiências de mundos opostos: o familiar – prático, militar e conservador – e o individual – cultural, artístico e liberal.

Em sua crítica, Voigt (2018) aborda a obra como um “realismo da experiência social”, que apresenta ao leitor uma vivência de como é ser Antônio, um dos tantos brasileiros que são invisibilizados e que enfrentam barreiras de formas distintas, seja por ser negro, cadeirante e/ou gay. O autor indica a memória como conectora das experiências remotas e recentes, que, diferentemente da obra anterior, é contada por outra voz narrativa:

De modo perpendicular, cruzam-se na discursividade literária a todo instante dois elementos: a experiência de Antônio em sua volta para a casa dos pais, atravessando de barca a Baía de Guanabara, após longos anos distante do convívio familiar; e suas memórias de formação como sujeito em um espaço-tempo avassalador da meninice na periferia, da escola, dos tempos de Marinha, da vida como instalador de exposição artística, do trabalho no tribunal, do antigo apartamento, de Arnaldo (dançarino e seu companheiro), da tentativa de ser artista ou fotógrafo. Enfim, nessa segunda perpendicular, a memória pontilha a narrativa, em transições naturais, mas com substancial composição psicológica, com a revelação gradual da doença degenerativa de Antônio e de seus dramas pessoais (VOIGT, 2018, p. 13-14).

Desta maneira, as características da personagem somam-se ou alternam-se em visões de “deficiências sociais”, ou seja, a cor da pele, tratada como inferior em posicionamentos racistas, frequentes e atuais em nossa sociedade, não é vista negativamente por seu pai que, ao mesmo tempo, aponta a sua sexualidade como fraqueza. No entanto, na visão de Voigt (2018, p. 14), o romance não busca por um “hasteamento de bandeiras de qualquer causa que seja, embora, nas entrelinhas, possa o leitor encontrar por conta própria todas essas questões postas. A causa, na pele de Antônio, é simplesmente ‘ser’ como qualquer cidadão”. Portanto, pode-se pensar a obra como um retrato da contemporaneidade social brasileira que, mesmo sendo múltipla, não sabe lidar com as individualidades, preferindo ignorá-las.

### 4. CONCLUSÕES

A análise tratada neste trabalho faz parte das discussões realizadas no projeto de dissertação e, portanto, trata-se de uma pesquisa em andamento, sem pretensões conclusivas neste momento. Entretanto, pode-se perceber que a narrativa de Carlos Eduardo Pereira apresenta uma perspectiva distinta do que é considerado canône literário brasileiro, ao trazer à tona uma vivência muitas vezes ignorada e invisibilizada socialmente.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. 1. ed. Vinhedo: Horizonte, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PEREIRA, Carlos Eduardo. **Enquanto os dentes**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2017.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 ed. rev. atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VOIGT, Rafael. Enquanto os dentes: um realismo de experiência. In: **Voz da literatura**, n. 3, p. 13-15, jul. 2018.